

# ATORES DA POESIA (NÓS, POR EXEMPLO)

*Cid Seixas*

---

*O texto a seguir traça  
um quadro múltiplo  
ou um panorama sumário  
da poesia baiana  
do século vinte.*

---

Esta é uma mesa redonda de poetas, ou melhor, é um encontro de poesia. Um momento em que todos nós teremos oportunidade de ouvir e de falar um pouco da criação poética. Uns falando da sua própria experiência, outros falando do contexto no qual se insere o seu processo criativo. Falando de outros poetas.

Devo começar dizendo que a minha presença nesta mesa, ao lado de um criador de obra vasta e nacionalmente reconhecida, como Ruy Espinheira Filho, – poeta que “escreve no peito dos homens”, conforme o dizer do estudioso e crítico do modernismo brasileiro Mário da Silva Brito – a minha presença pode ser atribuída à generosidade e à amizade do professor doutor Francisco Ferreira de Lima e dos demais organizadores deste encontro.

Estou aqui presente na qualidade de poeta menor, de... – gravem a expressão irônica com a qual me defino – meio-poeta.

Acredito que nenhum criador, nenhum intelectual, deve medir a sua importância a partir da autoavaliação, da autoestima, mas a partir do juízo isento e descomprometido de terceiros; da crítica, portanto. Ou mesmo de uma crítica desfavorável. Em 1979, Flávio Renê Kothe, quando do lançamento do meu primeiro livro que alcançou circulação nacional, com uma tiragem excessiva de

três mil exemplares, *Fonte das pedras*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, estampou dois artigos de exaltada crítica demolidora, um no Rio e outro em São Paulo. Num dos trechos em que procurava demonstrar seu desagrado pela produção deste autor, ele dizia:

“Cid Seixas parece ser um desses tantos poetas que, só porque escreve algo parecido com versos, também se acha no direito de dizer besteiras. Não é um poetastro simplesmente menosprezível e que não saiba nada do que está fazendo, mas também não é uma grande voz no horizonte da poesia. Com boa vontade pode ser até considerado um poeta quase estadual. Seixas está mais para a espacialização de Cummings do que para a sutileza de Mallarmé. Não que ele não queira ser sutil, mas Salvador não é Paris, especialmente a Paris do sonho de qualquer subdesenvolvido.”

Aceitando o puxão de orelha do crítico, reconheço desde já que o meu papel no quadro da poesia brasileira, ou mais modestamente, da poesia baiana, é de um coadjuvante; não de um protagonista, como a maioria dos escrevedores de versos imagina ser.

É, portanto, na qualidade de poeta que, *com boa vontade*, no dizer desse crítico, pode ser considerado *quase estadual*, que participo desta mesa redonda para falar de poetas federais, de poetas estaduais e, talvez, municipais.

Lembre-se que a conhecida expressão foi ironicamente usada por Drummond, no livro *Alguma Poesia*, de 1930, no contexto de um pequeno poema dedicado a Manuel Bandeira, em que dizia:

“O poeta municipal  
Discute com o poeta estadual  
Qual deles é capaz  
De bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal  
Tira ouro do nariz.”

Toda literatura – quer seja aquela que se considera patrimônio da humanidade, quer seja a literatura nacional, a literatura estadual, ou ainda o acervo de uma região – toda literatura é constituída tanto por autores essenciais quanto por autores secundários, terciários etc. Os primeiros, os grandes autores, os poetas fortes, na terminologia do crítico norte-americano Harold Bloom, são poucos, são raros. Os demais, os poetas menores, são muitos. Mas uma tradição literária não dispensa nem a uns nem a outros. Os escritores considerados secundários, os continuadores de um processo, são responsáveis pelo estabelecimento do gosto, pela fixação das conquistas trazidas pelos mestres.

Fernando Pessoa só pôde ser reconhecido e compreendido, depois dos seus diluidores, depois dos pequenos poetas que deram curso ao discurso imprevisto e inovador da sua poesia. Todos aqueles que, mesmo não sendo grandes vozes, realizam um trabalho sério e consciente,

contribuem para a afirmação da literatura do seu povo e da sua língua.

É, portanto, penso eu, na qualidade de escritor secundário, ou mesmo terciário, que participo desta mesa. Ou melhor: na condição de meio poeta (pedi que gravassem a expressão). De meio poeta porque poeta-crítico. Um pouco poeta, um pouco crítico. Como não atribuo a mim mesmo a designação de poeta (porque poeta é Pessoa, é Drummond, é Shakespeare), como dispenso rótulo gracioso, é na condição de leitor da poesia presente em toda arte que aqui estou.

Por isso, não falarei do meu próprio trabalho, salvo se, acidentalmente, ele for lembrado nas discussões ou debates que fecharão esta mesa-redonda. Falarei aqui da poesia baiana como uma construção social, conjunta.

Os grandes poetas deixam uma espécie de vazio quando se vão. É como se a ausência da palavra primordial inibisse o surgimento de outras vozes. Soam, apenas, velhas vozes saudosas. Depois do fenômeno Castro Alves, a Bahia viveu

uma espécie de baile da saudade das viúvas do arrebatamento lírico de Cecéu; como Castro Alves era tratado pelos mais próximos.

Tivemos dificuldade de sair do romantismo. Romantismo esse que vai impregnar os parnasianos e os simbolistas baianos. Carentes de grandes vozes, nos apegamos demasiadamente ao passado, à tradição. Vejam que quando o modernismo chegou à Bahia, com a publicação da revista *Arco & Flecha* – em 1928, e com a geração de poetas e teóricos como Eugênio Gomes, Godofredo Filho, Afrânio Coutinho, Hélio Simões, Pinto de Aguiar e Carvalho Filho – vejam que mesmo nesse momento de busca de novidades, o movimento modernista na Bahia foi designado de “tradiccionismo dinâmico”. Seus protagonistas não ousavam romper com a tradição. A tradição era mais forte do que a renovação.

Para melhor compreensão da vida literária baiana dessa época, convém não perder de vista o alvorecer do século, quando Afrânio Peixoto e Xavier Mar-

ques esboçaram um procedimento estético que se tornou matriz para poetas, prosadores e publicistas.

Entre os nossos criadores mais destacados do início do século XX estão os chamados “bravos rapazes” das revistas *Nova Cruzada* e *Os Annaes*, que desempenharam o papel de disseminadores do simbolismo, no primeiro decênio do século vinte. Mas os nomes de Pethion de Villar, Pedro Kilkerry, Durval de Moraes e Arthur de Salles não poderiam transpor os limites do simbolismo visto da província e anunciar a instauração do pensamento moderno. As condições do ambiente cultural baiano criavam entraves para o grande salto que representaria uma nova revolução na sua formação estética.

Bem verdade que em outros estados nordestinos, poetas de inspiração parnasiana e simbolista evoluíram para o modernismo, conforme o significativo exemplo de Jorge de Lima – que começou como sonetista neoparnasiano, autor do antológico “Acendedor de Lam-



piões”, um dos *XIV Alexandrinos*, e chegou a ostentar o título de “Príncipe dos Poetas de Alagoas”. Jorge de Lima conseguiu dar o salto e já com *O Mundo do Menino Impossível* aderiu ao modernismo.

Até mesmo o fenômeno Pedro Kilkerry, que foi uma espécie de “sistema de alarme premonitório” da arte poética moderna, teve sua voz abafada pelo som bombástico dos tambores retóricos da velha Bahia. Surpreendentes são alguns trechos de Kilkerry no *Jornal Moderno*, em 1913:

– “Olhos novos para o novo!  
Tudo é outro ou tende para outro!

– O metro é livre: vivamo-lo. O mais importante, porém, de tudo, dessa complexidade, de toda essa demência raciocinante é que as harmonias individuais, os caracteres não podem ser velhos como os senadores de Roma ou os sete sábios que cofiaram longas barbas na velha Grécia. Não se arrastam passos,

braços não tremem; na existência do século não se titubeia.

– Ao tempo em que escrevo estas linhas, já aí está a urgência suarenta do tipógrafo a espia-la e ouço a trepidação ansiosa do maquinismo impressor, a que estou associando a ânsia dos leitores no nosso órgão, que é o do seu momento social, da hora que soa.”

Apesar da sonora proposta vanguardista – *Olhos novos para o novo!* – a província desconheceu ou não quis entender esse lado da contribuição de Kilkerry, cujo pensamento foi encontrar paralelo anos depois, não mais na Bahia, mas em São Paulo, pelo intrépido *voyeur* Oswald de Andrade: “Ver com olhos livres”, conforme notou e anotou atento Augusto de Campos, traçando um paralelo entre os dois poetas.

Para demonstrar a força da tradição entre nós, veja-se um caso emblemático: Em 1928 a Pongetti editava o livro *Samba*

*Verde*, com poemas nitidamente modernos, de Godofredo Filho que, antes mesmo do esperado lançamento, recolheu toda a edição e afastou o seu autor do rol dos primeiros modernistas brasileiros.

Teriam os tambores antigos atingido os ouvidos cosmopolitas do modernista baiano, abatendo o pássaro em voo pleno?

A tradição fala mais forte na primeira capital da colônia, onde a vanguarda é *tradiccionista*.

É este contexto cultural que nos estrutura, que fala por todos nós. Somos todos uma consequência desta “Triste Bahia, oh! Quão dessemelhante”, conforme o verso do nosso poeta primeiro, Gregório de Mattos.

Algumas cidades do interior contribuíram de modo notável para a formação do quadro de poetas modernos da Bahia. Feira de Santana nos deu tanto Godofredo Filho, autor do longo e famoso “Poema da Feira de Santana”, quanto Eurico Alves, poeta telúrico, que

fez os ventos da roça soprarem sobre os ares cosmopolitas do modernismo.

Do sul do estado, das roças de cacau, veio a poesia de Sosígenes Costa. O poeta transitou do simbolismo para o modernismo. Seu texto que mais me fascina insere-se numa trilogia brasileira formada por *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo (publicado em 1928), *Cobra Norato*, de Raul Bopp (publicado em 1931), e *Iararana*, de Sosígenes Costa, escrito por volta de 1933 e publicado postumamente em 1979, com introdução, apuração do texto e glossário de José Paulo Paes.

*Iararana* documenta os resultados do contato de Sosígenes Costa com as ideias estéticas que constituíram a espinha dorsal da revolução modernista, iniciada em 1922. Mas, ao mesmo tempo, marca os pontos de diferenciação entre o seu programa e o do grupo paulista, numa frutífera e personalíssima independência. *Iararana* é a grande epopeia do modernismo grapiúna, contando a história da raça brasileira a partir da imposição dos

valores civilizatórios greco-romanos às culturas nativas do país.

O texto de Sosígenes revela a compreensão de que à arte moderna cabe realizar a tarefa de digerir os conceitos do mundo clássico, depois de destruí-los e devorá-los, *antropofagicamente*. A proposta cultural da nossa Antropofagia não é uma simples formulação teórica do manifesto oswaldiano, mas a tradução de uma prática elaborada pelo processo criador de escritores brasileiros; ou de qualquer escritor comprometido com o amanhã da sua arte.

Depois dessa geração de precursores do modernismo e de modernistas baianos, os anos cinquenta trouxeram algumas vozes expressivas, vozes destiladas pelo rigoroso engenho da poesia de 45. Entre esses poetas podemos citar, entre outros, os nomes de Florisvaldo Mattos, Myriam Fraga, Carlos Anísio Melhor, João Carlos Teixeira Gomes e José Carlos Capinan.

Os primeiros poemas de Florisvaldo Mattos que ganharam audiência e noto-

riedade são de 1953. Esse autor da Geração Mapa foi cooptado por Glauber Rocha para o núcleo do que viria a ser um dos movimentos culturais mais frutíferos da Bahia. Glauber e outros jovens, quando leram os textos de Florisvaldo Mattos, identificaram no companheiro, alguns anos mais velho do que eles, o tradutor das suas aspirações intelectuais pela voz da poesia. Foi com entusiasmo e admiração que a *troupe* glauberiana conquistou o novo aliado. Mesmo assim, ele só veio a publicar o seu primeiro livro, *Reverdor*, em 1965. Depois, no ano de 1996, a Fundação Casa de Jorge Amado publicou de Florisvaldo Mattos *A Caligrafia do soluço & Poesia anterior*, reunindo a sua produção poética.

Outros dois integrantes da geração Mapa que só vieram a ser publicados em livro muitos anos mais tarde são Carlos Anísio Melhor e João Carlos Teixeira Gomes.

Anísio viveu como boêmio e deixou seus poemas perdidos nas mãos das muitas amadas. Parte da sua vida foi vivida

em mesas de bar, nos velhos tempos da boemia, e outra parte em sanatórios psiquiátricos, onde, em meio aos loucos, tratava-se do vício da bebida. Anísio gastou toda a sua fortuna, herança deixada pelo pai, em viagens a cassinos e em orgias que duravam semanas. Ele costumava fechar as boates exclusivamente para sua roda de amigos, que eram muitos. Acabada a fortuna, passou a viver nos hospícios psiquiátricos, chegando a ser interno como indigente. Recuperado da bebida, terminou os seus dias numa casinha humilde e com um emprego de funcionário público. Somente em 1982, por iniciativa dos amigos, foi publicado o seu único livro, *Canto Agônico*, embora figure com destaque em várias revistas e antologias.

O velho Anísio, na época das Jogralescas, criadas por Glauber Rocha nos tempos do Colégio Central, tinha a preferência do público como declamador de poemas. Para quem não sabe, nos anos cinquenta, as Jogralescas eram verdadeiros espetáculos teatrais, onde os jovens

estudantes construía os cenários, as situações dramáticas, enfim, toda uma movimentação cênica, interpretando seus sentimentos, suas ideias – seus poemas.

João Carlos Teixeira Gomes – hoje jornalista e professor aposentado, crítico literário, estudioso da obra de Gregório de Matos, sobre a qual escreveu um dos livros essenciais – João Carlos Teixeira Gomes também teve o seu primeiro livro publicado tardiamente, por iniciativa de Carlos Cunha e minha. Quando ocupei a direção do Teatro Castro Alves, promovemos o lançamento do livro no *foyer* do teatro. *Ciclo Imaginário* é de 1975, mais de vinte anos depois das Jogralescas e dezoito anos depois de ter se iniciado na literatura através da revista *Mapa*, a mesma revista de Glauber Rocha, Florisvaldo Mattos, Paulo Gil Soares, Calasans Neto e tantos outros. Em 1987 a Editora Nova Fronteira publicou, no Rio de Janeiro, *A esfinge contemplada*, o mais importante livro de Teixeira Gomes.



Por fim, quando terminavam os anos cinquenta, isto é, em 1959, surge a poesia de José Carlos Capinan. Ele marca o limite entre a geração dos anos cinquenta e a chamada geração de sessenta. Poeta engajado, produziu uma obra vigorosa e altamente expressiva, uma obra comprometida com o homem, com a luta política pela emancipação social. Seus primeiro e mais importante livro, *Inquisitorial*, publicado na Bahia em 1966 e relançado, trinta anos depois, no Rio de Janeiro, pela editora Civilização Brasileira.

Capinan levou muitos anos distanciado da poesia escrita. Tornou-se conhecido como compositor de música popular, parceiro de Gilberto Gil e Caetano Veloso na época revolucionária do Tropicalismo. Anos depois, retornou ao livro, publicando algumas obras. Mas a poesia engajada de *Inquisitorial* constituiu-se o marco da sua expressão.

Chegamos então aos anos sessenta, quando a poesia baiana é enriquecida por vozes múltiplas e expressivas. Cito apenas alguns nomes, outros são igualmen-

te dignos de destaque. Myriam Fraga, autora de *Sesmaria, Marinhas, Femina* e tantos outros livros. Ildásio Tavares, autor de *Canto do homem cotidiano, Tapete do tempo, Ditado* e, além de poeta, romancista expressivo com *Roda de fogo*, romance que marca as angústias humanas e os equívocos da ditadura instaurada em 1964.

Da região de Feira de Santana surge Antonio Brasileiro, uma das grandes vozes da moderna poesia baiana. Ele começa a ser notado a partir de 1967, quando criou a revista *Serial*, de poesia. Nos meus tempos de estudante, Antonio Brasileiro foi uma referência importante. Brasileiro publicou *Estudos, Fragmentos de Agapanto, Os três movimentos da sonata, A pura mentira* e outros. Em 1996, a Fundação Casa de Jorge Amado editou a sua *Antologia poética*; reunião dos textos mais expressivos de Antonio Brasileiro.

Maria da Conceição Paranhos é outra voz feminina da geração de sessenta, autora de *Abc-reobtido*, de *Chão circular*

e de outros livros. No ano da graça de 1996, quando a Fundação Casa de Jorge Amado mantinha uma importante coleção de escritores baianos, a autora publicou *As esporas do tempo*.

E encerrando esta referência incompleta aos poetas surgidos na segunda metade do Século XX, voltamos a Ruy Espinheira Filho. Trata-se do poeta baiano da sua geração com maior audiência local e em nível nacional. Notem que Ruy começou a publicar relativamente tarde. Nascido em 1942, somente em 1979, aos trinta e sete anos, com *Julgado do vento*, mostrou seu trabalho ao país. E em 81, com suas *Sombras luminosas*, recebeu o Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Souza, instituído pelo Governo do Paraná.

É verdade que as Edições Cordel, mantidas em Feira de Santana pelo amor à poesia, publicaram o pequeno volume *Heléboro*, nos idos de 1974. Nesse livrinho em formato de cordel estão reunidos os poemas com os quais o então estudante universitário Ruy Espinheira

Filho ganhou por anos consecutivos todos os concursos literários promovidos pela Universidade Federal da Bahia, deixando nos estudantes da época, concorrentes de Ruy, a imagem do imbatível lutador de palavras.

No mais, conforme os versos do velho Gregório de Mattos, nosso poeta primeiro: “Isto sois, minha Bahia, isto passa em vosso burgo”.

[www.linguagens.ufba.br/2022/atores-da-poesia.pdf](http://www.linguagens.ufba.br/2022/atores-da-poesia.pdf)

---

SEIXAS, Cid. *Nós, por exemplo, atores da Poesia*. Texto apresentado à mesa redonda sobre Poesia Baiana, no I Seminário de Estudos Literários. Universidade Estadual de Feira de Santana, 1996.